



série viridae . número 03 . dezembro de 2021

## SELEÇÃO COMPLEMENTAR DE POEMAS

Alessandro Zir<sup>1</sup>

MÁRIO QUINTANA:

"Canção da noite\*\*\*"

Menina está dormindo.  
Coração bolindo.  
Mãe, por que não fechaste a janela?  
É tarde, agora:  
Pé ante pé  
Vem vindo  
O Cavaleiro do Luar.  
Na sua frente de prata  
A lua se retrata.  
No seu peito  
Bate um coração perfeito.  
No seu coração  
Dorme um leão,  
Dorme um leão com uma rosa na boca.  
E o príncipe ergue o punhal no ar:  
... um grito  
aflito...  
Louca!"

\*\*\*comparar com "*Les Bienfaits de la Lune*" (Baudelaire, *Spleen de Paris*);

---

<sup>1</sup> Doutor pelo Interdisciplinary PhD Program da Dalhousie University (Halifax, Canadá, 2009). Tem publicações na Alemanha, Brasil, Canadá, Chile, Estados Unidos, Inglaterra, Polônia e Portugal, incluindo livro (*Luso-Brazilian Encounters of the Sixteenth-Century*, Fairleigh Dickinson University Press, 2011), capítulos de livro, e artigos em periódicos de referência tais como *Republics of Letters*, *Portuguese Literary and Cultural Studies*, e o *Marburg Journal of Religion*. Tem atuado também de forma mais direta (criativa) em áreas ligadas às artes, como a literatura e a cultura visual. E-mail: azir@dal.ca.

MANUEL BANDEIRA:

"O Anjo da Guarda

Quando minha irmã morreu,  
(Devia ter sido assim)  
Um anjo moreno, violento e bom,  
— brasileiro

Veio ficar ao pé de mim.  
O meu anjo da guarda sorriu  
E voltou para junto do Senhor."

"Unidade

Minh'alma estava naquele instante  
Fora de mim longe muito longe

Chegaste  
E desde logo foi verão  
O verão com as suas palmas os seus mormaços os seus ventos de sôfrega mocidade  
Debalde os teus afagos insinuavam quebranto e molície  
O instinto de penetração é despertado  
Era como uma seta de fogo

Foi então que minh'alma veio vindo  
Veio vindo de muito longe  
Veio vindo  
Para de súbito entrar-me violenta e sacudir-me todo  
No momento fugaz da unidade."

Esses dois poemas misturam (fazem *corresponder*) a experiência religiosa e erótica, com uma franqueza que desafia a profanação, num ambiente que, se lembra coisas bem nossas — como *O Lavrador de Café* (1934) de Portinari, *Bananal* (1927) e *Menino com Lagartixas* (1924), de Segall, ou ainda o *Derrubador Brasileiro* (1879), de Almeida Júnior —, é também aquele exótico de "*Parfum exotique*", "*La Chevelure*", "*À une dame creole*", "*La belle Dorothee*" etc.

Ainda de Manuel Bandeira:

"Pierrete

O relento hiperestesia  
O ritmo tardo de meu sangue.  
Sinto correr-me a espinha langue  
Um calafrio de histeria...

Gemem ondinas nos repuxos

Das fontes. Faunos aparecem.  
E salamandras desfalecem  
Nas sarças, nos braços dos bruxos.

Corro à floresta: entre miríades  
De vaga-lumes, junto aos troncos  
Gênios caprípedes e broncos  
Estupram virgens hamadriades.

Ergo olhos súplices: e vejo,  
Ante as minhas pupilas tontas,  
No sete-estrela as sete pontas  
De sete espadas de desejo.

O sexo obsidente alucina  
A minha índole surpresa:  
As imagens da natureza  
São um delírio de morfina.

A minha carne complicada  
Espreita, em voluptuoso ardil,  
Alguém que tenha a alma sutil,  
Decadente, degenerada!

E a lua verte como uma âmbula  
O filtro erótico que assombra...  
Vem, meu Pierrot, ó minha sombra  
Cocainômana e noctâmbula!..."

#### "Noturno da Rua da Lapa

A janela estava aberta. Para o quê, não sei, mas o que entrava era o vento dos lupanares, de mistura com o eco que se partia nas curvas cicloidais, e fragmentos do hino da bandeira.

Não posso atinar no que eu fazia: se meditava, se morria de espanto ou se vinha de muito longe.

Nesse momento (oh! por que precisamente nesse momento?... ) é que penetrou no quarto o bicho que voava, o articulado implacável, implacável!

Compreendi desde logo não haver possibilidade alguma de evasão. Nascer de novo também não adiantava.  
— A bomba de flit! pensei comigo, é um inseto!

Quando o jacto fumigatório partiu, nada mudou em mim; os sinos da redenção continuaram em silêncio; nenhuma porta se abriu nem fechou. Mas o monstruoso animal FICOU MAIOR.

Senti que ele não morreria nunca mais, nem sairia, conquanto não houvesse no aposento nenhum busto de Palas, nem na minh'alma, o que é pior, a recordação persistente de alguma extinta Lenora."

#### "Poema Tirado de uma Notícia de Jornal

João Gostoso era carregador de feira livre e morava no morro da Babilônia num barracão sem número  
Uma noite ele chegou no bar Vinte de Novembro  
Bebeu  
Cantou  
Dançou

Depois se atirou na Lagoa Rodrigo de Freitas e morreu afogado"

"Tragédia brasileira

Misael, funcionário da Fazenda, com 63 anos de idade,  
Conheceu Maria Elvira na Lapa — prostituída, com sífilis, dermite nos dedos, uma aliança empenhada e os dentes em petição de miséria.

Misael tirou Maria Elvira da vida, instalou-a num sobrado no Estácio, pagou médico, dentista, manicura...  
Dava tudo quanto ela queria.

Quando Maria Elvira se apanhou de boca bonita, arranhou logo um namorado.

Misael não queria escândalo. Podia dar uma surra, um tiro, uma facada. Não fez nada disso: mudou de casa.

Viveram três anos assim.

Toda vez que Maria Elvira arranjava namorado, Misael mudava de casa.

Os amantes moraram no Estácio, Rocha, Catete, Rua General Pedra, Olaria, Ramos, Bonsucesso, Vila Isabel, Rua Marquês de Sapucaí, Niterói, Encantado, Rua Clapp, outra vez no Estácio, Todos os Santos, Catumbi, Lavradio, Boca do Mato, Inválidos...

Por fim na Rua da Constituição, onde Misael, privado de sentidos e de inteligência, matou-a com seis tiros, e a polícia foi encontrá-la em decúbito dorsal, vestida de organdi azul."

Poemas como os dois anteriores em que um desespero surdo se mistura à crueldade brutal (ambos urbanos), lembram, por exemplo, "La Corde" (*Spleen de Paris*).

"As Três Marias

Atrás destas moitas,  
Nos troncos, no chão,  
Vi, traçado a sangue,  
O signo-salmão!

Há larvas, há lêmures  
Atrás destas moitas.  
Mulas sem cabeça,  
Visagens afoitas.

Atrás destas moitas  
Veio a Moura-Torta  
Comer as mãozinhas  
Da menina morta!

Há bruxas luéticas  
Atrás destas moitas,  
Segredando à aragem  
Amorosas coitas.

Atrás destas moitas  
Vi um rio de fundas  
Águas deletérias,  
Paradas, imundas!

Atrás destas moitas...  
— Que importa? Irei vê-las?

Regiões mais sombrias  
Conheço. Sou poeta.  
Dentro d'alma levo,  
Levo três estrelas,  
Levo as três Marias!

(Petrópolis, 2 de janeiro de 1950)"

"Consolada

Quando a Indesejada das gentes chegar  
(Não sei se dura ou carável),  
Talvez eu tenha medo.  
Talvez sorria, ou diga:

— Alô, iniludível!

O meu dia foi bom, pode a noite descer.  
(A noite com os seus sortilégios.)  
Encontrará lavrado o campo, a casa limpa,  
A mesa posta,  
Com cada coisa em seu lugar."

"Ouro Preto

Ouro branco! Ouro preto! Ouro podre! De cada  
Ribeirão trepidante e de cada recosto  
De montanha o metal rolou na cascalhada  
Para o fausto d'El-Rei, para a glória do imposto.

Que resta do esplendor de outrora? Quase nada:  
Pedras... templos que são fantasmas ao sol-posto.  
[...]"

MÁRIO DE ANDRADE:

"Losango Cáqui, 1926 (VII)

Que sono!  
Todo dia,  
Quatro e meia,  
Madrugada...

Tácito hoje não veio.  
Que seria?

Inquietação.

A neblina se senta ao meu lado no bonde.

Estou doente.

Rua dos Involuntários da Pátria."

"A Menina e a Cantiga (Losango Cáqui, 1926)

... trarilarára... traríla...

A meninota esganiçada magriça com a saia voejando por cima dos joelhos em nó vinha meio dançando cantando no crepúsculo escuro. Batia compasso com a varinha na poeira da calçada.

... trarilarára... traríla...

De repete voltou-se pra negra velha que vinha trôpega atrás, enorme trouxa de roupas na cabeça:

— Qué mi dá, vó?

— Não.

... trarilarára... traríla..."

"A Menina e a Cabra (Losango Cáqui)

A menina peleja pra puxar a cabra  
Que toda se espaventa escorregando no asfalto  
Entre as campainhadas dos bondes  
E a velocidade poenta dos automóveis...

... Todo um rebanho de cabras...  
As cabras pastam o capim do meio-dia...  
E na solidão morta da serra  
Nem um toque só de buzina.  
Cachorro feio de olhos grandes entocaiados nos pelos.  
Junto das pedras movidas pelas lagartixas,  
Aonde o solzão chapinha na água agitada  
Afinca os dentes no queijo dourado  
Lícias, pastor."

"Poemas da Negra, 1929 (II)

Não sei se estou vivo...  
Estou morto.

Um vento morno que sou eu  
Faz auras pernambucanas.  
Rola rola sob as nuvens  
O aroma das mangas.  
Se escutam grilos,  
Cricrido contínuo  
Saindo dos vidros,  
Eu me inundo de vossas riquezas!  
Não sou mais eu...

Que indiferença enorme..."

"Aspiração (Marco de Viração)  
(9 de setembro de 1924)

Doçura da pobreza assim...  
Perder tudo o que é seu, até o egoísmo de ser seu,  
Tão pobre que possa apenas concorrer pra multidão...  
Dei tudo o que era meu, me gastei no meu ser,  
Fiquei apenas com o que tem de toda a gente em mim...  
Doçura da pobreza assim...

Nem me sinto mais só, dissolvido nos homens iguais!

Eu caminhei. Ao longo do caminho,  
Ficava no chão orvalhado da aurora,  
A marca emproada dos meus passos.  
Depois o sol subiu, o calor vibrou no ar  
Em partículas de luz dourando e sopro quente."

"Manhã (Marco de Viração)  
(18 de março de 1928)

O jardim estava em rosa ao pé do sol  
E o ventinho de mato que viera do Jaraguá,  
Deixando por tudo uma presença de água,  
Banzava gozado na manhã preciana.

Tudo limpo que nem toada de flauta.  
A gente se quisesse beijava o chão sem formiga,  
A boca roçava mesmo na paisagem de cristal.

Um silêncio nortista, muito claro!  
As sombras se agarravam no folheto das árvores  
Talqualmente preguiças pesadas.  
O sol sentava nos bancos tomando banho-de-luz."

Dos três poemas a seguir, pra mim é possível dizer, não apenas que eles têm o melhor de Baudelaire, mas que Baudelaire tem algo deles (os pressentiu, na contrafação do exotismo):

"Poemas da Amiga, 1929-30 (VI)

Nós íamos calados pela rua  
E o calor dos rosais nos salientava tanto  
Que um desejo de exemplo me inspirava,  
E você me aceitou por entre os santos.

Erguer do chão um toco de cigarro,  
Fumá-lo sem saber por que boca passou,

A terra me erriçava a língua e uma saliva seca  
Pousada nos meus lábios molhados renasceu.

Todos os boitatás queimavam minha boca  
Mas quando recomecei a olhar, ôh minha doce amiga,  
Os operários passavam-se todos para o meu lado,  
Todos com flores roubadas na abertura da camisa...  
O sol no poente, de novo auroral e nativo,  
Fazia em caminho contrário um dia novo;  
E as noites ficaram luminosamente diurnas,  
E os dias massacrados se esconderam no covão duma noite sem fim."

"Poemas da Amiga, 1929-30 (VII)

É hora. Mas é tal em mim o vértice do dia  
Nesta sombra... Porque serás mais que os rapazes,  
E bem mais, muito mais do que as amantes?...  
Sombra!... Sombra de cajazeira perfumada,  
Saudando a minha inquietação com a tua delícia!

Eu poderia dormir no teu regaço, ôh mana...  
Abri-vos, rincões do sossego,  
Não cuideis que é minha amante, é minha irmã!

Porém é muito cedo ainda, e no portão do Paraíso  
O anjo das cidades vigia com a espada de fogo na mão."

"Poemas da Amiga, 1929-30 (VIII)

Gosto de estar a teu lado,  
Sem brilho.  
Tua presença é uma carne de peixe,  
De resistência mansa e um branco  
Ecoando azuis profundos.

Eu tenho liberdade em ti.  
Anoiteço feito um bairro,  
Sem brilho algum.

Estamos no interior duma asa  
Que fechou."

O fragmento do poema abaixo, também de *Poemas da Amiga*, traz uma semelhança mais óbvia (se menos enraizada) com Baudelaire, evocando o *topos* de "La Pipe", e também de certas estrofes de "Le Calumet de Paix" ("imitação" do poeta americano Longfellow) e da seguinte passagem de *Les Paradis artificiels* (imitação, por sua vez, de De Quincey): "*Par une équivoque singulière, par une espèce de transposition ou de quiproquo intellectuel, vous vous sentirez vous évaporant, et vous attribuerez à votre pipe (dans laquelle vous vous sentez accroupi et ramassé comme le tabac) l'étrange faculté de vous fumer.*"



Eis o fragmento de Mário de Andrade:

"Poemas da Amiga, 1929-30 (XII)

[...]

"Ôh espíritos do ar que os homens adivinham,  
Dizei-me o que se evola do meu corpo!  
Essa outra coisa vaporosa e brancacenta  
Que não é fumo, nem echarpe,  
Não tem forma, porém não se desmancha  
E baila no ar...  
[...]"

Destacamos ainda os seguintes poemas:

"Momento (1929), A Costela do Grã Cão

O mundo que se inunda claro em vultos roxos  
No caos profundo em que a tristura  
Tange mansinho os ventos aos molambos.

A gente escapa da vontade.  
Se sente prazeres futuros,  
Chegar em casa,  
Reconhecer-se em naturezas-mortas...

Ôh, que pra lá da serra caxingam os dinossauros!

Em breve a noite abrirá os corpos,  
As embaúbas vão se refazer...

A gente escapa da vontade.  
Os seres mancham apenas a luz dos olhares,  
Se sobrevoam feito músicas escuras.

E a vida, como viola desonesta,  
Viola a morte do ardor, e se dedilha...  
Fracas."

"Os Gatos, A Costela do Grã Cão

(14 de outubro de 1933)

Que beijo que eu dava...  
Não tigre, vossa boca é mesmo que um gato  
Imitando tigre.  
Boca rajada, boca rasgada de listas,  
De preto, de branco,  
Boca hitlerista,  
Vossa boca é mesmo que um gato.

[...]"

"Estâncias, A Costela do Grã Cão

(15 de outubro de 1933)

[...]

No caminho da cidade  
Meus olhos se rasgam na volúpia de amor,  
Torres, chaminés perto, notícias, milhões de notícias,  
Dor... Este profundo mal de amar indesejado,  
Como a primavera que fareja a cidade através do sol frio.  
[...]"

"Tentação (1943)

Eu fechei os meus lábios para a vida  
E a ninguém beijo mais, meus beijos são  
Como astros frios que, de luz perdida,  
Rolam de caos em caos na escuridão.

Não que a alma tenha já desiludida  
Ou me faleçam os desejos, não!  
O que outrem prejudicou uma descida,  
É subir para mim, elevação!"

"Momento (1924)

Com este calor quem dormiria...

A escuridão se ajunta em minha rua,  
Encapota a cabeça alemã dos lampiões.  
Eu careço de alguém...

Meus olhos catam a escuridão  
Porém calor somente se mexendo  
Sob a vigilância implacável dos astros.

Parece que os burgueses dormem...

Casais suados  
Virgens vazias  
Crianças descobertas...

O que mais me comove é pensar nos solteirões.  
Os solteirões mastigam o silêncio.  
Os solteirões viram de lado  
Ofegando em suspiros apertados.  
São sonhos imorais..."

Micropoema narrativo sem título, numa carta de outubro de 1925 a Paulo Prado:

"A linda midinette Cremildes Bunda Seca  
Foi na redação do jornal vespertino *A Gazeta*  
E falou que o macrô do Gonzalves  
Esculhambou toda a honra dela  
Queixas e Reclamações"

De uma carta a Manuel Bandeira, maio de 1929:

"Crepúsculo

[...]

Ôh, que pra lá das serras caxingam os dinossauros!

Os seres de mercúrio

Adquirem a ubiquidade de colossais mares,

Se sobrevoam, feito músicas escuras.

[...]"

Se citamos antes um fragmento que assinalava o *topus* da fumaça, aqui temos, para encerrar, um soneto completo que evoca (transfigurada) o da embriaguez do vinho (comum a poemas baudelairianos, como os cinco a ele dedicados em *Fleurs du Mal* e "Enivrez-vous" do *Spleen*).

Eis o poema de Mário de Andrade:

"Uva

Baga oval de esmeralda transitória  
Que destróis do presente a desventura  
Gota de luz vaguíssima e ilusória  
Cheia de esquecimento e de loucura

Nessa tua cor imaculada e pura  
Apaga-se da vida a acerba história  
E só se encontra nela de mistura  
Sonhos apenas, capelas mil de glória

Mundo verde, a brilhar no galho verde  
Continuas o sonho que se perde  
E renovas o riso num momento

Vive feliz uma hora quem te alcança  
Mas tua cor que nos lembra uma esperança  
Traz em vez da esperança o esquecimento."

"Uva" aparece escrito à grafite no verso de uma partitura e seus versos seriam inspirados mais diretamente em Virgílio, como explicam Tatiana Longo Figueiredo e Telê Ancona Lopez na sua cuidadosa edição de *Poesias Completas* (Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2013), da qual retiramos os demais poemas de Mário de Andrade, por nós citados neste volume.